



## Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (LSB)

Geyse Araújo Ferreira (UFTM)  
Rozana Reigota Naves (UNB)

**RESUMO:** Neste artigo, investigamos o processo de formação dos verbos manuais originados de nomes de instrumentos em Língua de Sinais Brasileira (LSB), com vistas a verificar, descritivamente, se se trata de casos de derivação ou de incorporação (ou ambos). Partimos do trabalho de Quadros e Karnopp (2004), que identificam diferenças quanto ao parâmetro do movimento em processos de derivação de nome e verbo (cf. CADEIRA *versus* SENTAR) e de incorporação de instrumentos a verbos (cf. TESOURA *versus* CORTAR COM TESOURA). Concluímos que os verbos estudados são formados por derivação, uma vez que não têm sinais próprios e o sinal do instrumento passa a desempenhar o papel de verbo na construção sintática (embora não tenhamos observado diferença de movimento nos dados coletados). Os casos de incorporação restringem-se à incorporação do objeto (cf. COMER MAÇÃ).

Palavras-chave: Língua de Sinais Brasileira; Gramática Gerativa; derivação; incorporação.

### Introdução

O problema que abordamos neste trabalho, o qual se insere na perspectiva teórica da Gramática Gerativa, é a diferença entre derivação e incorporação de argumento na formação dos verbos manuais, partindo das descrições encontradas na literatura sobre a Língua de Sinais Brasileira (doravante LSB).<sup>1</sup>

No âmbito da Gramática Gerativa, argumenta-se que todas as línguas são produto de uma faculdade mental da linguagem, inata e específica à espécie humana. Postula-se a existência de uma Gramática Universal (doravante, GU), visando a explicar o funcionamento das faculdades mentais e como elas atuam na aquisição da língua e no desenvolvimento da competência linguística. Com respeito à aquisição da língua pela criança, desenvolve-se a hipótese de que a GU, postulada como o estado inicial do conhecimento linguístico do ser humano ( $S_0$ ), interage com os dados linguísticos primários fornecidos pelo ambiente (*input*), atingindo um estado final ( $S_n$ ), que é a gramática particular de uma dada língua.

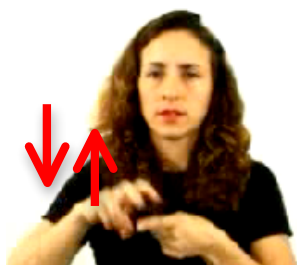
---

<sup>1</sup> Este artigo tem origem no trabalho de Ferreira (2013).

A LSB, considerada a primeira língua dos indivíduos surdos, está, portanto, sujeita aos mesmos princípios e pressupostos gerais que regem o funcionamento da faculdade da linguagem, em termos da derivação das construções gramaticais. Nesse sentido, tomamos como ponto de partida para a delimitação do nosso objeto de estudo a descrição que Quadros e Karnopp (2004) fazem do processo de formação de nomes a partir de verbos e de verbos a partir de instrumentos, para apontarmos, por um lado, um problema teórico com relação ao conceito de incorporação empregado nessa descrição e, por outro lado, um problema descritivo com relação à associação do parâmetro do movimento à formação dos itens lexicais pertencentes às classes acima especificadas.

Como acabamos de mencionar, no estudo da morfologia da LSB, Quadros e Karnopp (2004) distinguem as categorias do substantivo e do verbo pelo parâmetro do movimento: nos substantivos há mais repetição do movimento, enquanto, nos verbos, o movimento é mais curto (ou seja, não se repete ou se repete menos vezes). Segue, abaixo, um exemplo retirado do *site* Acesso Brasil ([www.acessobrasil.org.br](http://www.acessobrasil.org.br)), para ilustrar essa diferença.<sup>2</sup>

(1) a. CADEIRA



b. SENTAR



De acordo com os dados acima, e conforme identificado por Quadros e Karnopp (2004), o item lexical substantivo CADEIRA apresenta a repetição do movimento. Já o verbo SENTAR apresenta somente um movimento. Segundo as autoras, trata-se de um processo de derivação.

Quadros e Karnopp (2004) analisam, ainda, outros tipos de verbos em LSB, como os formados a partir de nomes verbos de instrumentos, os quais são tratados como sendo casos de incorporação do sinal do instrumento ao item verbal. Um exemplo, também retirado do *site* Acesso Brasil, é o que está em (2):

<sup>2</sup> Neste artigo, os exemplos de itens lexicais em LSB estão grafados em caixa alta, conforme convenção.

## (2) TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA



O dado mostra que os itens lexicais TESOURA e CORTAR-COM-TESOURA constituem uma única forma, representada pelo sinal CORTAR-COM-TESOURA, do que as autoras concluem que o instrumento foi incorporado ao verbo.

O objetivo geral deste trabalho é fazer uma análise, utilizando o referencial teórico da Gramática Gerativa, sobre a formação dos verbos manuais em LSB, especialmente aqueles que envolvem a interpretação de um instrumento, de modo a descrever os processos de formação desses verbos, tendo em vista os problemas descritivos e teóricos oriundos da abordagem que Quadros & Karnopp (2004) fazem a respeito da derivação e da incorporação como processos de formação de verbos manuais em LSB.

As questões com que este trabalho pretende lidar são: (i) que parâmetros morfossintáticos distinguem o processo de derivação do processo de incorporação na formação dos verbos manuais em LSB?; (ii) haveria outra forma de analisar os casos de verbos manuais formados a partir do sinal do instrumento, de forma a eliminar o problema teórico que se assenta no fato de que os processos de incorporação sintática ocorrem predominantemente com argumentos internos (e não com sintagmas instrumentos)? A nossa hipótese é a de que a formação de verbos a partir de nomes de instrumentos não represente um caso de incorporação sintática de argumento, mas simplesmente de derivação (no sentido da morfologia lexical, de processo de formação de palavra), nem sempre marcado pelo parâmetro do movimento.<sup>3</sup>

A metodologia desta pesquisa envolveu um levantamento de dados para a análise que não pretendeu se constituir como um teste psicolinguístico, mas apenas como elemento para a constituição de um *corpus* mínimo para análise. A coleta desses dados foi realizada com cinco participantes surdos, usuários da LSB, com idade entre 15 e 23 anos, filhos de pais ouvintes e residentes na cidade de Patos de Minas (MG). Inicialmente, foi pedido aos participantes que sinalizassem os nomes dos instrumentos apresentados sob a forma de imagens. Em seguida, foi solicitado que formassem frases com cada um dos instrumentos sinalizados. Os dados foram registrados em vídeo e estão apresentados neste trabalho por meio de imagens (registros estáticos de vídeo) reproduzidas por voluntários. As imagens reproduzem exatamente a sinalização feita pelos participantes da pesquisa, os quais não são identificados neste trabalho.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Como já foi mencionado, o trabalho tem pretensões exclusivamente descritivas e se dedica à própria compreensão do fenômeno que está em jogo, qual seja, a formação de verbos manuais em LSB, que nos parece teoricamente obscurecida pelas descrições disponíveis a respeito desse fenômeno na literatura sobre o tema. Dessa forma, embora situado no arcabouço teórico da Gramática Gerativa, o trabalho não apresenta uma proposta teórica de derivação das construções formadas por verbos manuais em LSB.

<sup>4</sup> O projeto de pesquisa que deu origem a este trabalho foi devidamente submetido à Comissão de Ética na Pesquisa (CEP) da Universidade de Brasília, que emitiu parecer de aprovação em 07 de dezembro de 2012.

O artigo está organizado em três seções, além desta *Introdução* e das *Considerações Finais*. A seção 1 aborda aspectos descritivos da LSB, especialmente a classificação de verbos, de maneira a delimitar o objeto deste estudo (a saber, os verbos manuais formados por nomes de instrumento). Na seção 2, abordamos teoricamente os fenômenos da derivação e da incorporação, a partir de trabalhos sobre o português e sobre a LSB. E na seção 3, apresentamos a análise dos dados coletados na pesquisa e dos resultados encontrados, relacionando-os com a proposta de Salles & Naves (2009) a respeito da análise de verbos do português que têm um argumento interpretado como instrumento.

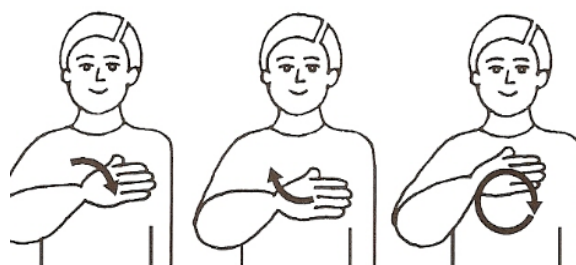
## 1. Aspectos descritivos da Língua de Sinais Brasileira (LSB)

Os sinais da LSB são constituídos por três parâmetros fonológicos principais: configuração de mãos (CM), movimento (M) e ponto de articulação (PA). Esses parâmetros são distintivos, na medida em que formam pares mínimos de palavras na língua. Além desses três parâmetros principais, é possível identificar, na formação dos sinais, outros dois parâmetros secundários: a expressão não manual (ENM) e a orientação das mãos (Or).

Com relação aos sinais que constituem a categoria dos verbos em LSB, Quadros e Karnopp (2004) classificam-nos nos seguintes tipos:

a) verbos simples: não se flexionam em pessoa e número e não admitem afixos locativos; todavia podem flexionar-se em aspecto (GOSTAR, abaixo, é um exemplo desse tipo de verbos, que têm o parâmetro de ponto de articulação dos sinais ancorados no corpo).

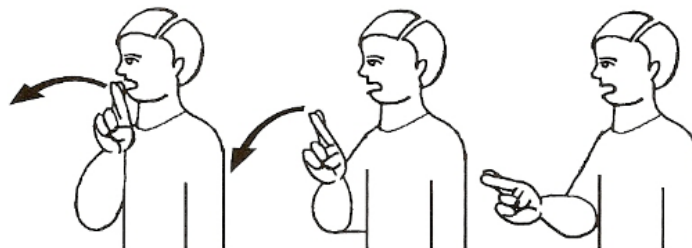
### (3) GOSTAR



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p.714).

b) verbos com concordância: flexionam-se em pessoa, número e aspecto, mas não apresentam afixos locativos (RESPONDER é um exemplo desse tipo de verbos, que são marcados pela direcionalidade do sinal, ou seja, pelo movimento que se faz do argumento sujeito na direção do argumento objeto).

## (4) RESPONDER



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p.1138).

c) verbos espaciais: denotam movimento e posição no espaço e, por essa razão, admitem afixos locativos, que identificam locais no espaço neutro da sinalização (CHEGAR é exemplo desse tipo de verbos).

## (5) CHEGAR



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 398).

d) verbos manuais: são representados por uma configuração de mão que reproduz uma mão segurando um objeto, como no exemplo abaixo.

(6) COLOCAR-BOLO-FORNO  
'Colocar o bolo no forno'

Segundo Faria *et al* (2001 *apud* FARIA-NASCIMENTO e CORREIA, 2011), os verbos manuais indicam, além da ação, o lugar onde a ação ocorre. Faria-Nascimento e Correia (2011) identificam três tipos de verbos manuais, quais sejam:

(i) verbos locativos, tais como COLOCAR, IR e CHEGAR, que apresentam afixo locativo;

(ii) verbos classificadores de entidade, que exprimem deslocamento de entidade, ou seja, “incorporam a configuração de mão do classificador da entidade que representam” (*op. cit.*, p. 95), tal como o verbo ANDAR, quando se refere a pessoa (ANDAR-PESSOA) ou a animal (ANDAR-ANIMAL);

(iii) verbos classificadores de instrumento, que apresentam a configuração de mão que representa a forma de segurar o instrumento para produzir a ação, como CORTAR-COM- TESOURA, PINTAR-COM-PINCEL, PASSAR-A-FERRO.

Como se pode perceber, a classe dos chamados verbos manuais na literatura corrente sobre LSB, corresponde a um conjunto bem heterogêneo de verbos, que inclui tanto aqueles que denotam deslocamento e, portanto, envolvem a seleção de um argumento locativo, quanto aqueles que admitem a interpretação de uma variável instrumento em suas estruturas léxico-conceituais. Por essa razão, faz-se necessário delimitar o objeto de estudo deste trabalho, que consiste especificamente nos verbos manuais formados a partir de instrumentos, como os descritos em (iii).<sup>5</sup>

## 2. Formação de palavras: derivação *versus* incorporação

Nesta seção contextualizamos teoricamente os conceitos de derivação e de incorporação, apenas com o objetivo de localizar o nosso problema de pesquisa, que é a descrição do comportamento morfossintático dos verbos manuais formados a partir de nomes de instrumentos em LSB. Os trabalhos sobre o português são trazidos como forma de ilustração desses dois processos de formação de palavras que, adotando-se uma visão lexicalista do funcionamento da gramática, se distinguem quanto ao nível de análise (morfologia ou sintaxe).

### 2.1. Derivação: um processo morfológico

O termo *derivação* se refere, segundo Basílio (1987, p. 26), ao processo que “se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma

<sup>5</sup> Cabe ressaltar que os exemplos em (1) – CADEIRA / SENTAR – e (2) – CORTAR / CORTAR-COM- TESOURA foram utilizados, inicialmente, apenas para contextualizar a descrição feita por Quadros & Karnopp (2004) para os processos de formação de verbos a partir de nomes de objetos ou de nomes de instrumentos em LSB. Como foi dito, as autoras consideram (1) um caso de derivação – processo morfológico de formação de itens lexicais – e (2) um caso de incorporação de instrumento a verbo – processo sintático. Dada a delimitação do nosso objeto de estudo, o foco do trabalho são dados como os de (2), que representam verbos manuais em que se interpreta uma variável instrumento.

palavra”. De acordo com esse conceito, as formas abaixo são exemplos de derivação, porque têm a estruturação base + sufixo ou base + prefixo:

(7) livro + -eiro = livreiro; papel + ria = papelaria; in + feliz = infeliz

No português, o processo mais produtivo para formar verbos a partir de nomes é a derivação por meio dos sufixos verbalizadores *-ar*, *-er*, *-ir* (sendo o sufixo *-ar* mais produtivo que os outros dois), como nos exemplos a seguir:

(8) escova + -ar = escovar; pente + -ar = pentear

Nesses casos, os nomes de instrumentos (“escova” e “pente”), acrescidos do sufixo verbalizador, produzem os verbos correspondentes: “escovar” e “pentear”. Esses exemplos nos interessam porque são formações que envolvem um instrumento. Concluímos então, que, no português, os nomes de instrumentos dão origem a verbos por derivação sufixal.

Quanto aos processos derivacionais, Basílio (1987, p. 61) aborda, também, a derivação imprópria ou conversão, que é definida como “o processo de transposição de uma palavra de uma classe gramatical para outra”. Esse processo é importante para o nosso trabalho porque, em línguas como o inglês, os verbos relativos aos nomes de instrumentos podem ter o mesmo nome que o instrumento correspondente, sem nenhuma alteração morfológica, como nos exemplos abaixo:

(9) *brush* ‘escova’; *brush* ‘escovar’; *comb* ‘pente’; *comb* ‘pentear’

Já para a LSB, como dissemos anteriormente, Quadros e Karnopp (2004) argumentam que a mudança da categoria verbo para a categoria nome é um processo de derivação. As autoras, seguindo o estudo realizado por Supalla e Newport (1978), que descreveram as diferenças entre verbos e nomes da ASL (*American Sign Language*) em termos de movimento, identificam pares de verbos e nomes e mostram que é possível derivar nomes de verbos pela mudança no tipo de movimento: no sinal dos nomes há repetição do movimento feito no sinal dos verbos correspondentes, sendo que os parâmetros de ponto de articulação, configuração e orientação de mãos são mantidos, conforme o exemplo a seguir:



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97).

Os sinais para TELEFONAR e TELEFONE apresentam os mesmos parâmetros, exceto para o movimento, que é curto para TELEFONAR e repetido para TELEFONE (o mesmo tipo de explicação foi dado anteriormente para o par CADEIRA e SENTAR, em (1) acima).

## 2.2. Incorporação: um processo sintático

O termo *incorporação* foi utilizado por Baker (1988) para descrever processos sintáticos em que um item lexical se combina com outro item lexical para formar um objeto linguístico complexo. Esses processos são tratados por Baker como casos de movimento de um núcleo nominal para um núcleo verbal e não como o movimento de sintagmas. De acordo com o autor, a incorporação sintática nominal nas línguas naturais se caracteriza pelas seguintes propriedades: (i) inversão da ordem linear canônica do verbo e do objeto; (ii) combinação de uma raiz nominal com uma raiz verbal, resultando em um verbo complexo; (iii) referência a uma classe genérica ou não-específica pelo nome incorporado; (iv) incorporação de argumentos internos verbais, instrumentos e/ ou locativos, considerados objetos estruturais.

Saraiva (1997) analisa sentenças como (10) no português (*op. cit.*, p. 17) como sendo casos de incorporação do objeto:

(10) Fui buscar menino no colégio

A autora observa aspectos sintáticos e semânticos do comportamento gramatical do sintagma nominal (SN) nu em posição de objeto nessas sentenças.<sup>6</sup> De acordo com a análise, nesse tipo de sentença não há interesse em explicitar se a primeira do singular buscou um menino, ou vários meninos, ou uma menina. Essa interpretação se opõe à de uma sentença com SN pleno, constituído do nome, plural ou singular, acompanhado de determinantes, como no exemplo também retirado de Saraiva (1997, p. 17), em que é possível identificar que filha a primeira pessoa foi buscar:

(11) Fui buscar a minha filha no colégio às cinco horas.

Outros exemplos de construção com objeto incorporado, apresentados por Saraiva (1997), abaixo, apresentam os mesmos verbos que são o objeto de estudo do nosso trabalho:

(12) a. Eu vou passar roupa à tarde.  
b. Gosto de tomar café bem devagar.

As diferenças de comportamento entre o SN nu e o SN pleno na posição de objeto, demonstradas pela autora, são as seguintes: o SN nu tem de estar posicionado imediatamente após o verbo e não pode ser topicalizado (cf. (13)), diferentemente do que ocorre com o SN pleno, que não precisa estar adjacente ao verbo e pode ser topicalizado (cf. (14)):

---

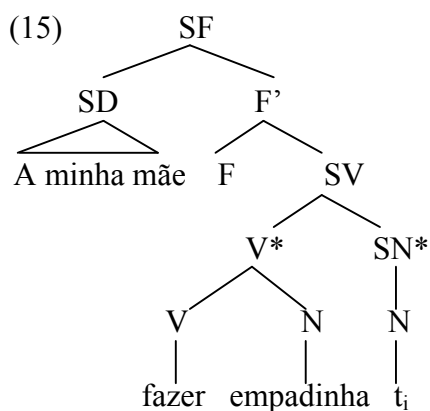
<sup>6</sup> Por SN nu entende-se o sintagma nominal constituído somente do núcleo, ou seja, somente do nome comum, sem a utilização de marca de plural.



- (13) a. \*Fui buscar no colégio menino.  
b. ?? Menino, vou buscar no colégio às cinco horas.<sup>7</sup>
- (14) a. Fui buscar no colégio a filha de Maria.  
b. A minha filha, vou buscar no colégio às cinco horas.

A autora investiga, ainda, os traços de interpretação dos SNs nus em posição de objeto e conclui que o sentido do nome, nesses exemplos, “associa-se tão intimamente com o sentido do verbo, que os dois elementos, verbo + SN, passam a formar um todo semanticamente coeso, a traduzir uma ideia unitária” (*op. cit.*, p. 50).

Saraiva (1997) trata esse tipo de dado como casos de objeto incorporado e explica que, no português, não há incorporação morfológica, mas apenas incorporação semântica, o que revela um comportamento sintático peculiar. A autora analisa a incorporação do SN no objeto em português na mesma trilha de Baker (1988), como exemplificado abaixo para a construção “A minha mãe fez empadinha” (Saraiva, 1997, pp. 138-139):<sup>8</sup>



Em (15), está representada a construção com incorporação, em que o núcleo nominal “empadinha” se moveu para o núcleo verbal “fazer”, formando um único constituinte.

Como apontamos na seção precedente, os verbos manuais são descritos na LSB como verbos que podem incorporar o objeto ou o instrumento para predicar. Brito (1995, p. 25) aborda a incorporação como a informação léxico-sintática que se dá pela superposição da informação do léxico somada à informação de ordem sintática. A autora exemplifica a incorporação de objeto com a construção COMER-MAÇÃ, que ilustramos a seguir:

<sup>7</sup> O julgamento da sentença como ?? é da autora. Consideramos a sentença agramatical.

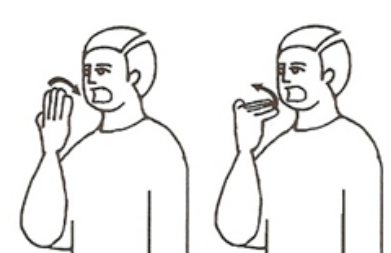
<sup>8</sup> Reproduzimos a estrutura exatamente como na obra de Saraiva (1997). As siglas, em português, remetem a: sintagma flexional (SF), sintagma determinante (SD), sintagma verbal (SV) e sintagma nominal (SN).

## (16) COMER-MAÇÃ



O sinal apresentado acima para o predicado COMER-MAÇÃ é o mesmo de sinal do objeto MAÇÃ, portanto, segundo a autora, o objeto foi incorporado ao item verbal, que não é sinalizado (lexicalizado), apesar de existir em LSB um sinal para COMER, como representado em (17):

## (17) COMER



**Fonte:** Capovilla e Raphael (2001, p. 434).

Veloso (2008) analisa como casos de incorporação predicados como os exemplificados a seguir:

## (18) ARANHA ANDAR PELO TETO



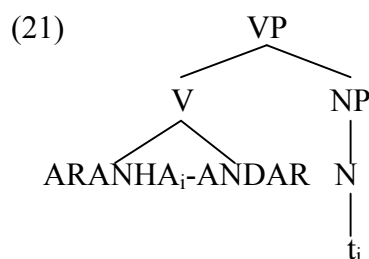
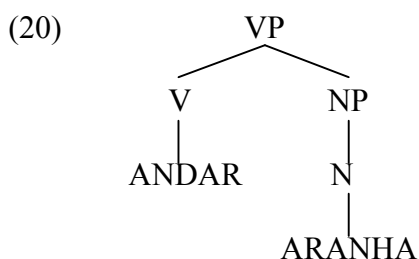
**Fonte:** Veloso (2008, p. 102).

## (19) ÁRVORE CAIR



Fonte: Veloso (2008, p. 102).

A autora adota Baker (1988) e representa sintaticamente a incorporação do objeto em LSB, da mesma forma que Saraiva (1997) faz para o português, como mostra o exemplo abaixo, retirado de Veloso (2008, pp. 104-105):<sup>9</sup>
















Os conceitos de derivação e de incorporação, conforme apresentados acima, são importantes para a análise dos dados que coletamos nesta pesquisa e que apresentamos na próxima seção.

### 3. Análise dos dados coletados na pesquisa

#### 3.1. Constituição do *corpus* da pesquisa

O *corpus* desta pesquisa foi constituído, primeiramente, da sinalização dos nomes de instrumentos pelos participantes surdos. Os instrumentos selecionados para análise e as imagens apresentadas aos surdos para sinalização estão distribuídas nas imagens a seguir:

<sup>9</sup> Reproduzimos a estrutura exatamente como na obra de Veloso (2008). As siglas, em inglês, remetem a: *verbal phrase* (VP) e *nominal phrase* (NP).

INSTRUMENTOS PARA CORTAR			
			
Instrumentos para PENTEAR e ESCOVAR			
			
Instrumento para PASSAR (ROUPAS)			
			
Instrumentos para ABRIR (GARRAFAS/LATAS)			
			
Instrumentos para PINTAR			
			

Depois de fazerem o sinal do instrumento, isoladamente, os participantes sinalizaram frases contendo os instrumentos. Para a sinalização das frases foram mostradas imagens retiradas do *Google*, em que o instrumento estava associado à ação verbal, como mostram as imagens a seguir:

<b>Verbo CORTAR</b>			
			
			
<b>Verbos PENTEAR e ESCOVAR</b>			
			
<b>Verbo PASSAR</b>			
			
<b>Verbo ABRIR</b>			
			
<b>Verbo PINTAR</b>			
			



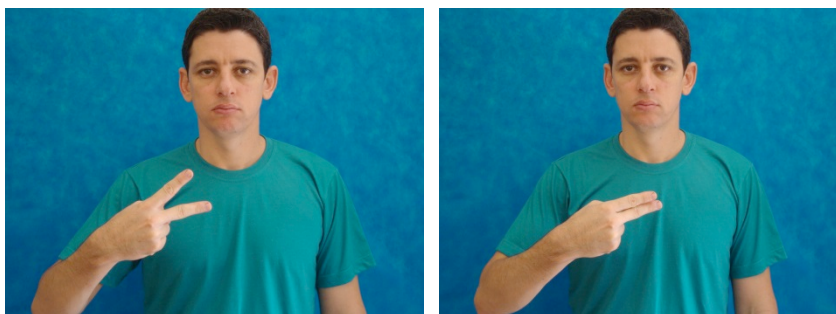
Os dados coletados são apresentados a seguir separadamente, de acordo com o verbo sinalizado.<sup>10</sup>

### **Verbo CORTAR**

O verbo CORTAR foi apresentado aos participantes em ações executadas com o intermédio de instrumentos como tesoura, cortador de unha, faca e machado.

Ao sinalizarem CORTAR-COM-TESOURA e TESOURA, os participantes utilizaram o espaço neutro, como a seguir, respectivamente:

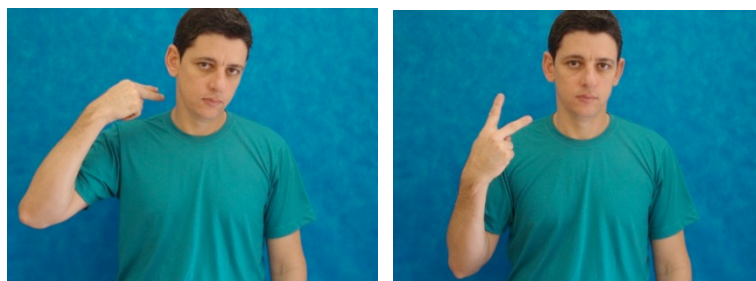
(22)



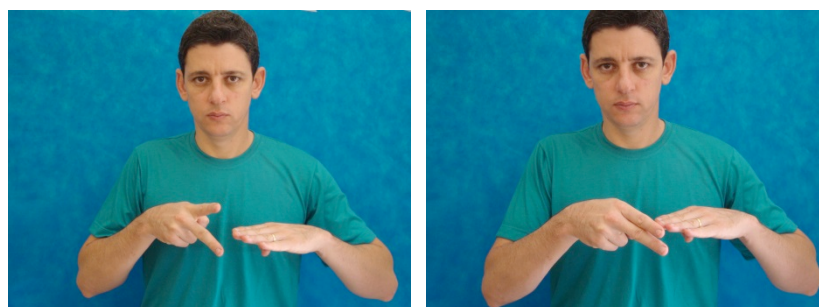
O sinal CORTAR-COM-TESOURA deixa de usar o espaço neutro quando inserido em um sintagma, porque, nesse caso, passa a ser executado próximo ao referente que representa o argumento interno (objeto) do verbo, como nos exemplos abaixo:

<sup>10</sup> Embora os participantes surdos que colaboraram com a pesquisa fossem oriundos da mesma região, os dados coletados apresentaram variação nos sinais, o que pode significar que alguns deles podem ter adquirido a LSB em contato com surdos de outra região. Entretanto, essa variação não tem implicações significativas para os resultados da nossa pesquisa, porque o trabalho não é de cunho variacionista.

## (23) CORTAR CABELO COM TESOURA



## (24) CORTAR UNHA COM TESOURA



## (25) CORTAR PAPEL COM TESOURA



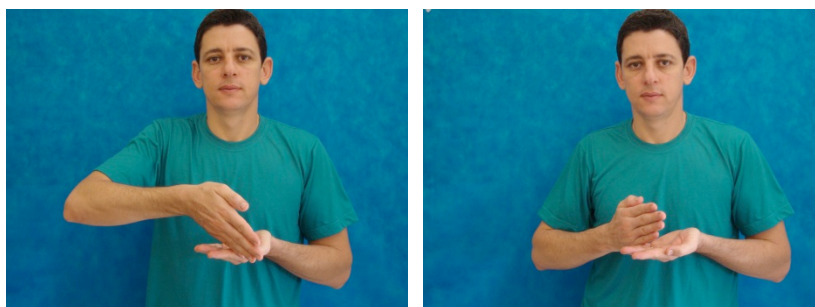
Os dados de (23) a (25) mostram que a forma do sinal para CORTAR, quando essa ação é executada com o instrumento TESOURA, é o mesmo, alterando-se somente a relação com o argumento interno (objeto).

Entretanto, quando mudamos o instrumento, o sinal do verbo CORTAR muda. É o que acontece em (26), em que o instrumento é um cortador de unhas (*trim*); em (27), em que o instrumento é uma faca; e em (28), em que o instrumento é um machado:

## (26) CORTAR UNHA COM CORTADOR DE UNHAS



## (27) CORTAR BOLO COM FACA



## (28) CORTAR ÁRVORE COM MACHADO

**Verbos PENTEAR e ESCOVAR**

Para esses verbos, primeiro mantivemos o referente do argumento interno (CABELO) e alteramos o instrumento (PENTE e ESCOVA):



## (29) PENTEAR CABELO COM PENTE



## (30) ESCOVAR CABELO COM ESCOVA



Depois, mantivemos o instrumento (ESCOVA) e mudamos o argumento interno para DENTE. Observamos que a configuração de mão é a mesma, mas a ação é executada no ponto de articulação que representa o argumento interno:

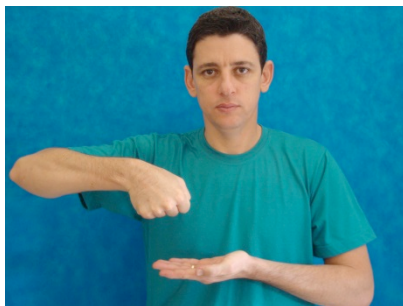
## (31) ESCOVAR DENTE



### Verbo PASSAR

Com o verbo PASSAR utilizamos somente o argumento interno ROUPA, que pressupõe o instrumento FERRO (de passar):

(32) PASSAR ROUPA COM FERRO



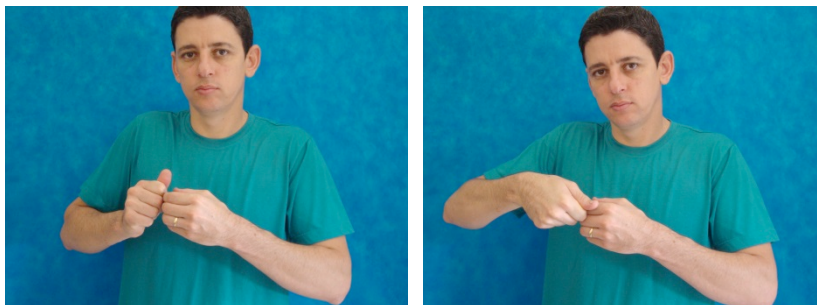
### Verbo ABRIR

Para o verbo ABRIR, escolhemos dois instrumentos: abridor de garrafa e abridor de lata.

(33) ABRIR GARRAFA COM ABRIDOR



(34) ABRIR LATA COM ABRIDOR



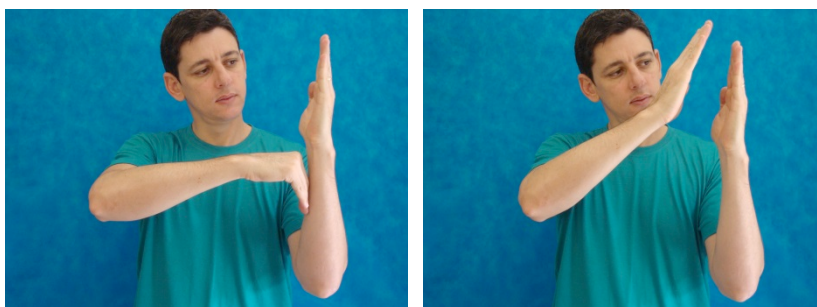
## Verbo PINTAR

Primeiro utilizamos o verbo PINTAR com o instrumento PINCEL, mas com dois objetos (argumentos internos) diferentes: CABELO e PAREDE:

### (35) PINTAR CABELO COM PINCEL



### (36) PINTAR PAREDE COM PINCEL



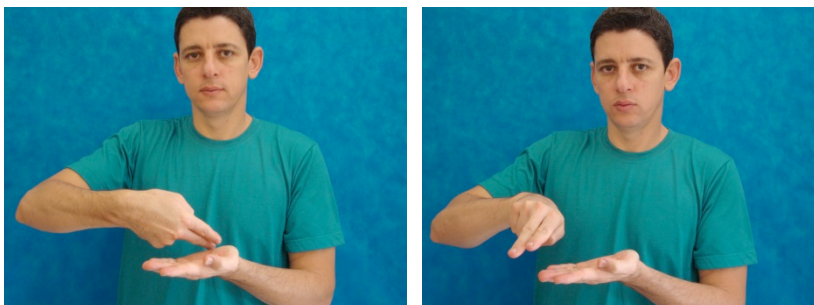
Depois mantivemos o argumento interno PAREDE e alteramos o instrumento para ROLO, e o resultado foi a mudança do sinal:

### (37) PINTAR PAREDE COM ROLO



Por último, mudamos novamente o argumento interno, criando a expressão PINTAR DESENHO, que pode ser executada também com um PINCEL, como vemos em (16):

(38) PINTAR DESENHO



### 3.2. Análise dos dados

Como já foi dito, a análise dos verbos manuais formados a partir de nomes de instrumentos em LSB coletados na pesquisa tem como objetivo verificar se esses verbos são formados por meio de incorporação, conforme descrito por Quadros e Karnopp (2004), tendo em vista o problema teórico que se coloca para a incorporação de sintagmas instrumentos, em detrimento da incorporação do argumento interno.

Com relação ao verbo CORTAR, observamos que o sinal do verbo corresponde aos sinais dos instrumentos utilizados para executar a ação (TESOURA, CORTADOR DE UNHA, FACA e MACHADO), de modo que não há sinal próprio para o verbo CORTAR. Portanto, o sinal de CORTAR é o sinal do instrumento que se usa para cortar.

Os verbos PENTEAR e ESCOVAR, da mesma forma, não possuem sinal próprio e tomam a forma dos instrumentos PENTE e ESCOVA para a formação de frases. A forma do verbo quando o argumento interno é DENTE também utiliza uma configuração de mão segurando o instrumento.

ABRIR também é um verbo sem sinal próprio em LSB. Dependendo do contexto, o verbo toma a forma do instrumento usado para executar a ação (como abridor de garrafa ou abridor de lata).

O mesmo vale para o verbo PASSAR, em que o sinal é o do instrumento, o que demonstra que PASSAR não possui sinal próprio.

PINTAR se comporta da mesma forma que os demais verbos: é o tipo de instrumento que dá forma ao sinal do verbo. Não existe um item lexical próprio para o verbo PINTAR.

O nosso estudo mostra, portanto, que, nos casos dos verbos acima e, de maneira geral, dos verbos em que os sinais tomam a forma dos instrumentos, não existe incorporação do nome do instrumento ao verbo, porque verbos como CORTAR, PENTEAR, ABRIR, PASSAR e PINTAR não possuem sinais próprios em LSB. Como vimos na seção 2.2, a incorporação consiste na combinação (morfofossintática ou semântica) de dois itens lexicais – o nome e o verbo – e, em LSB, existe um único item lexical, que é o sinal que representa o nome do instrumento. Consideramos, portanto, que o processo pelo qual os verbos manuais de instrumento são

formados em LSB é a derivação, que consiste em utilizar uma palavra de uma classe em outra classe, com ou sem modificação morfológica, como vimos na seção 2.1.

Com relação a esse aspecto, verificamos também se havia diferença quanto ao movimento na distinção entre verbos e nomes, como afirmam Quadros e Karnopp (2004). Os dados coletados não mostraram regularidade quanto a esse aspecto: alguns verbos sinalizados pelos participantes apresentaram movimentos mais repetidos que os nomes, outras vezes foram os nomes que apresentaram movimentos mais repetidos que os verbos, de modo que a coleta de dados não foi conclusiva quanto a haver uma diferença morfológica consistente na diferenciação entre verbos manuais de instrumentos e os respectivos nomes de instrumento.

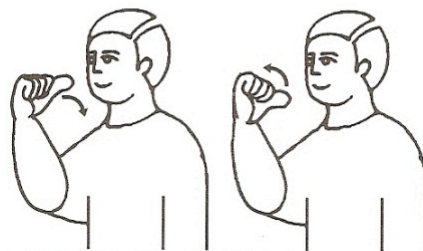
Para comprovar a nossa análise, procuramos outros verbos no dicionário de Capovilla e Raphael (2001) para comparação. Os verbos BEBER/TOMAR e COMER comportam-se diferentemente dos verbos de instrumentos analisados acima. Vejamos:

(39) BEBER CAFÉ COM XÍCARA



O sinal de BEBER CAFÉ representa o sinal do instrumento XÍCARA, que se usa para executar a ação descrita pelo verbo. Entretanto, o verbo BEBER tem sinal próprio, como mostra a figura abaixo:

(40) BEBER



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 284).

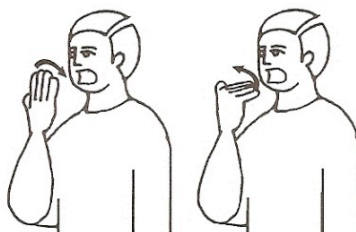
Nesse caso, temos dois itens lexicais: BEBER e XÍCARA, que se combinam morfossintaticamente na formação do sinal em (39). Esse verbo é, portanto, um exemplo de incorporação de instrumento em LSB, porque há dois itens lexicais disponíveis na língua, os quais se combinam para formar o predicado.

Outro caso de incorporação em LSB, segundo a nossa análise, é o que se tem com o objeto, como no sinal do predicado COMER MAÇÃ (em que o sinal do verbo (cf. (42)) incorpora o sinal do objeto MAÇÃ):

(41) COMER MAÇÃ



(42) COMER



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 434).

Verificamos que COMER e MAÇÃ têm sinal próprio e esses sinais se combinam morfossintaticamente para formar o predicado, portanto, há incorporação.

Concluimos que os verbos manuais formados a partir de nomes de instrumentos não são um caso de incorporação e sim de derivação por não possuírem sinal próprio e serem formados pela apropriação direta dos sinais correspondentes aos nomes de instrumentos. Não foi possível verificar se essa apropriação direta sofre efeitos morfológicos como o da sufixação ou o da derivação regressiva, uma vez que o parâmetro do movimento não apresentou uma forma específica para os verbos ou os nomes.<sup>11,12</sup>

A análise acima está de acordo com a proposta apresentada por Faria-Nascimento e Correia (2011) de que os verbos manuais se classificam em verbos classificadores de

<sup>11</sup> Uma questão que se coloca é que tipo de derivação ocorre (FARIA-NASCIMENTO, c.p.), ou seja, haveria um processo de afixação associado à formação desses verbos? Nesse caso, como seria a segmentação morfológica? Consideramos duas possibilidades: (i) que o movimento (apesar de não confirmado nos dados) seja o morfema associado à derivação do verbo; (ii) que a afixação seja por um morfema zero do tipo categorizador. Deixaremos essa questão para pesquisas futuras.

<sup>12</sup> Faria-Nascimento (c.p.) observa que no dado CORTAR BOLO COM FACA, o sinal de FACA sofre modificação em função do objeto (BOLO). Consideramos, entretanto, que os processos de derivação e de incorporação não são excludentes, podendo co-ocorrer. Uma análise possível para esse caso seria, portanto, que o verbo se forma por derivação a partir do nome do instrumento e, depois, ocorre a incorporação do objeto, modificando o sinal do verbo CORTAR-COM-FACA. Deixaremos esse dado para uma análise mais aprofundada em pesquisas futuras.

instrumentos e verbos classificadores de entidade (cf. seção 1.2). Entretanto, ao contrário do que dizem Faria-Nascimento e Correia (2011), demonstramos que essas duas classes de verbos manuais se distinguem quanto ao processo de formação: enquanto as autoras dizem que se trata de casos de incorporação do instrumento ou da entidade que representa o objeto (argumento interno), nós consideramos que os primeiros são casos de derivação, em que a configuração de mão representa o instrumento para utilizado para predicar porque o verbo não tem sinal próprio.<sup>13</sup>

Outro trabalho que dialoga com os resultados alcançados nesta pesquisa é o de Salles e Naves (2009), que abordam a manifestação sintática do instrumento nos predicados da língua portuguesa, contrastando o verbo “abrir” com o verbo “pintar”, os quais têm comportamento diferente, conforme mostram os dados em (43) e (44):

- (43) a. A Maria abriu a porta com a chave.  
 b. A chave abriu a porta.  
 c. A porta abriu (com a chave).
- (44) a. O João pintou a casa com um rolo.  
 b. \*Um rolo pintou a casa.  
 c. \*A casa pintou (com um rolo).

As autoras explicam essa diferença de comportamento sintático dos predicados dizendo que a noção de instrumento está implicada na estrutura léxico-conceitual do verbo “pintar”, que pressupõe um instrumento mesmo quando o sintagma instrumental não está presente na sentença (por exemplo em “O João pintou a casa”), mas não está implicada na estrutura léxico-conceitual do verbo “abrir”, em que o evento pode ocorrer espontaneamente, como efeito de uma causa natural (o que explica a possibilidade de ocorrência da sentença em (43c), eliminando-se o sintagma preposicional entre parênteses). Essa propriedade léxico-conceitual se traduz sintaticamente, na proposta das autoras, pela presença de um núcleo aplicativo que vincula o instrumento ao argumento externo (o agente) para o verbo “pintar”, em oposição ao verbo “abrir”, que não projeta um núcleo aplicativo para vincular instrumento e argumento externo.

Na nossa pesquisa, abordamos também o papel do sintagma instrumento com o verbo ABRIR e com o verbo PINTAR. Entretanto, embora o trabalho de Salles & Naves distinga o verbo “abrir” do verbo “pintar” em termos da sua estrutura léxico-conceitual, a nossa análise mostra que, em LSB, ABRIR e PINTAR são produzidos pelo mesmo processo de formação de palavras, ou seja, eles não se distinguem – ambos são formados pela derivação do verbo a partir do nome do instrumento, o que significa que, em LSB, esses verbos devem carregar a noção de instrumento em suas estruturas léxico-conceituais. Isso pode representar um problema para a análise de Salles & Naves (2009).

Apesar disso, consideramos que esse problema pode ser apenas aparente, porque o sinal de PINTAR, em LSB, não ocorre desvinculado do instrumento (ou seja, o sinal de PINTAR é sempre o sinal do instrumento, independentemente de qual seja o objeto), mas o sinal de ABRIR

<sup>13</sup> Lima-Salles (c.p.) observa que existe uma generalização possível da análise apresentada: instrumentos formam verbos por derivação e objetos incorporam-se aos verbos (num processo sintático). Concordamos que essa é uma generalização possível, mas que é desafiada por verbos como “abrir”, como será demonstrado na argumentação subsequente. Por essa razão, deixaremos esse tema para uma pesquisa futura.

tanto pode ser derivado do instrumento, como já demonstramos na seção 3.1, quanto pode ser denotado pelo sinal do objeto, como nos casos de ABRIR PORTA, ABRIR ZIPER e ABRIR TAMPA, em que o instrumento não está necessariamente pressuposto e não faz parte do sinal do verbo. Sendo assim, o instrumento é parte da estrutura léxico-conceitual de PINTAR, mas não é parte da estrutura léxico-conceitual de ABRIR, o que confirma a hipótese de Salles & Naves (2009). Se isso estiver correto, o verbo ABRIR pode ser derivado tanto do instrumento quanto do objeto, enquanto o verbo PINTAR só pode ser derivado do instrumento. Deixaremos essa análise para uma pesquisa futura.

### Considerações finais

Neste artigo foram analisados os verbos manuais formados a partir de nomes de instrumento em LSB, de modo a verificar, descritivamente, se se tratava de casos de incorporação de instrumento, conforme descrito na literatura disponível.

Os dados coletados apenas para fins de constituição de um *corpus* mínimo foram produzidos por participantes surdos, proficientes em LSB e oriundos da região de Minas Gerais. A análise revelou que os verbos manuais que constituíram o *corpus* (CORTAR, PENTEAR, ESCOVAR, ABRIR, e PINTAR) são formados por um processo de derivação, e não de incorporação, porque, segundo a proposta teórica de Baker (1988), a incorporação é um processo sintático em que um item lexical se combina com outro item lexical para formar um objeto linguístico complexo e, no caso dos verbos analisados, o item lexical correspondente ao verbo não existe isoladamente na língua, sendo sempre denotado pelo sinal do instrumento. Na análise dos dados coletados não foi possível confirmar se esse processo derivacional tem relação com o parâmetro do movimento, como sugerido por Quadros e Karnopp (2004).

A comparação com os verbos TOMAR/BEBER e COMER, que possuem sinais próprios em LSB mostrou que há, também, processos de formação de verbos por incorporação, mas isso não se aplica à maioria dos verbos manuais e parece estar vinculado à possibilidade de incorporação do objeto (argumento interno), como em COMER MAÇÃ.

A análise desenvolvida está de acordo com a proposta apresentada por Faria-Nascimento e Correia (2011) de que os verbos manuais se dividem em verbos classificadores de instrumentos e verbos classificadores de entidade e dialoga com os resultados da pesquisa de Salles e Naves (2009), que indicam que verbos como “pintar” carregam a noção de instrumento em sua estrutura léxico-conceitual, em oposição a verbos como “abrir”, que não a carregam. No caso da LSB, observamos que o verbo PINTAR é sempre sinalizado como o instrumento, enquanto o verbo ABRIR pode ser sinalizado com o instrumento ou com o objeto (argumento interno) – ABRIR GARRAFA COM ABRIDOR *versus* ABRIR PORTA.

Embora esta pesquisa sobre os verbos manuais na LSB tenha resultado em uma revisão da descrição dos processos de formação dos verbos manuais nessa língua, estamos cientes de que o tema ainda requer mais pesquisas, para que seja melhor aprofundado.



## A theoretical approach to manual verbs in Brazilian Sign Language (BSL)

**ABSTRACT:** In this paper, we analyse whether manual verbs formed from nouns of instruments in Brazilian Sign Language (BSL) are examples of morphological derivation or noun incorporation (or both). The work is based on Quadros & Karnopp's (2004) assumption that there are differences on the movement parameter in derivational processes forming verbs from nouns (eg. CHAIR *versus* SIT) and in noun incorporation forming verbs from nouns of instruments (eg. SCISSORS *versus* CUT-WITH-SCISSORS). We conclude that manual verbs formed from nouns of instruments in BSL are formed by derivation, since they do not have specific signs for the verb and the sign of the instrument performs a verbal role in the syntactic structure (although we had not identified such difference on movement parameter in collected data). The cases of noun incorporation are restricted to object position (eg. EAT APPLE).

Keywords: Brazilian Sign Language; Generative Grammar; Derivation; Incorporation.

## REFERÊNCIAS

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. SP: Ática, 1987.

BAKER, M. C. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. RJ: Tempo Brasileira: UFRJ, 1995.

CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. 2ª ed., SP: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. de; CORREIA, M. *Um olhar sobre a morfologia dos gestos*. Lisboa: UCP, 2011.

FERREIRA, G. A. *Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (LSB)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, 2013.

LIMA-SALLES, H. M. M. L. e NAVES, R. R. (orgs.) *Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos*. Goiânia: Cànone Editorial, 2010.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALLES, H. M. M. L. e NAVES, R. R. O estatuto da preposição 'com' em construções com alternância sintática. *Polifonia* (UFMT), v. 17, p. 9-27, 2009.

SARAIVA, M. E. F. *“Buscar menino no colégio”*: a questão do objeto incorporado em português. Campinas: Pontes, 1997.

VELOSO, B. S. *Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, 2010.

Data de envio: 15/10/2013

Data de aceite: 03/02/2014

Data de publicação: 21/07/2014